



A VIDA, UMA COMPLEXA COLCHA DE RETALHOS¹

LIFE, A COMPLEX PATCHWORK

LYDIA REBOUÇAS²

Resumo

Este artigo é resultado de uma Pesquisa-ação em um grupo composto por dezesseis mulheres artesãs. Tem por base epistemológica a fenomenologia de Merleau-Ponty e Gaston Bachelard, filósofos que refletiram sobre o logos do mundo estético-inteligente. A colcha de retalhos, uma totalidade orgânica, se mostra um palpável tecido da complexidade, um todo formado por diferentes partes, os blocos, que se encontram inseparavelmente costurados, onde o uno e o múltiplo convivem na unidualidade. A criatividade e o caos são parceiros sempre presentes nesse artesanato, onde a organização nasce da cooperação entre a ordem e a desordem. Enquanto os retalhos são costurados, o mundo visível do artesanato se expande além de si mesmo e penetra o mundo invisível de cada artesã, costurando retalhos outros, os retalhos d'alma. Somos uma complexa colcha de retalhos dos mais variados tons e texturas.

Palavras-chave: artesanato, fenomenologia, pesquisa-ação, complexidade, mulheres.

Abstract

This article is a result of action research in a group of sixteen women artisans. Its epistemological basis phenomenology of Merleau-Ponty and Bachelard, philosophers who reflected on the logos of the aesthetic-smart world. The quilt, an organic whole, shown a tangible fabric of complexity, a whole composed of different parts, the blocks, which are inseparably sewn where the one and the many living in uni-duality. Creativity and chaos partners are always present in this craft, where the organization is born of cooperation between order and disorder. While the patches are sewn the visible world of crafts expands beyond itself and penetrates the invisible world of each artisan, other sewing patchwork, patchwork of soul. We are a complex patchwork of various shades and textures.

Key words: crafts, phenomenology, action research, complexity, women.

¹ Artigo inédito, fundamentado na dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação e Pesquisa em Psicologia da Universidade Católica de Brasília – 2007.

² Mestre em Psicologia, especialista em Cosmodrama, Core Energético, Psicologia Transpessoal, consultora em Desenvolvimento Humano, facilitadora da Metodologia de Educação para a Paz desenvolvida por Pierre Weil, Vice-reitora da UNIPAZ e Artesã.

Endereço: SQN 106/ G/103 – Asa Norte/ Brasília-DF - Cep. 70742-070

Contato: lydiareboucas@gmail.com



ALINHAVOS INICIAIS

*“As mãos sonham. Da mão às coisas desenvolve-se toda uma psicologia”
(Bachelard, 2006a, p.68).*

“Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 03).

Neste ano de 2012, no mês de abril, a UNIPAZ fará 25 anos. Me dou conta de que mais da metade de minha vida foi dedicada à cotidiana construção desse projeto fundamentado na abordagem transdisciplinar holística. Reconheço que tudo que vivencio está impregnado dessa visão ampla que acolhe a vastidão e o mistério de cada um de nós e da vida. A relação que vivi/vivo com Pierre Weil, durante todo esse tempo, é tão penetrante que, mesmo quando não o menciono, percebo que parto do imenso aprendizado que nos proporcionou na Unipaz.

Este artigo toma por base a dissertação que apresentei no mestrado em Psicologia da Universidade Católica de Brasília/UCB, em que tive a alegria de ser orientada pela prof^a Dr^a Ondina Penna. O título original foi assim grafado:

UMA PESQUISA-AÇÃO SOBRE AS REPERCUSSÕES DO TRABALHO COM RETALHOS NO MUNDO DA MULHER ARTE-SÃ

Na mesma época em que apresentei o projeto com o qual fui aprovada, iniciei o aprendizado do artesanato com retalhos, denominado patchwork. O que pareciam dois interesses inteiramente distantes, mostraram-se bem íntimos. As costuras dos panos descosturaram as palavras. O projeto inicial perdeu o sentido. Muitas mudanças aconteceram em mim. Tomei consciência de haver buscado o mestrado possuída por várias idéias e objetivos. Pensava pesquisar algo sobre o qual já imaginava saber a resposta, buscando agradar pessoas. Essa perspectiva perdeu todo o significado. Perdi as perguntas e vivenciei um deserto. Nada fácil...

O exercício de costurar retalhos claro/escuro, percebendo o quanto ambos são essenciais no patchwork, possibilitou-me um contato mais profundo e verdadeiro com aquilo que Carl Jung (1987) denomina sombra, isto é, conteúdos que costumava reprimir como: inseguranças, medos, carências, vulnerabilidades assim



como a criatividade e a vivência de um tempo regido pela mansidão . Eu já havia vivenciado muitos processos terapêuticos, mas nada tão intenso.

Comecei a ver-me como um “tecido complexo”, em consonância com a afirmação de Edgar Morin:

“[...] complexus é o que está junto; é o tecido formado por diferentes fios que se transformaram numa só coisa. Isto é, tudo isso se entrecruza, tudo se entrelaça para formar a unidade da complexidade; porém, a unidade do complexus não destrói a variedade e a diversidade das complexidades que o teceram.” (MORIN, 2005, p. 188).

O processo do patchwork ocorria em mim. O fora e o dentro estavam sendo costurados. Eu deixava de julgar os meus “escuros” e me dava conta da possibilidade de costurar junto todos meus matizes.

O projeto inicial foi inevitavelmente descosturado. As perguntas passaram a ser: “Como outras mulheres artesãs vivenciam esse processo? O que sentem? Como essa prática repercute em suas vidas?”. Assim, propus a minha orientadora que eu pudesse vivenciar uma pesquisa-ação em um grupo de mulheres artesãs que, como eu, estava iniciando a prática do patchwork.

Os caminhos teóricos trilhados nesse trabalho estão vinculados à fenomenologia de Merleau-Ponty e de Gaston Bachelard, bem como à pesquisa-ação desenvolvida por René Barbier, fortemente influenciada pela Teoria da Complexidade, de Edgar Morin. Também está presente a abordagem transdisciplinar holística de Pierre Weil. São todos autores que oferecem um novo paradigma à Ciência, à Filosofia, à Espiritualidade e às Artes. Concordam que não há separação entre o eu e o mundo, entre a teoria e a experiência, entre a razão e a sensibilidade, entre sujeito e objeto.

Ao longo da pesquisa-ação, observei a relação entre a prática do artesanato com retalhos e a leitura que, através dele, a mulher artesã realiza da sua relação consigo mesma e com o mundo. Mais especificamente, busquei facilitar que as artesãs ampliassem a consciência pessoal sobre seu próprio processo, ao promover o compartilhamento dos diferentes processos pessoais no grupo e ao propor o fazer criativo de uma colcha de retalhos, costurada por todas - objeto símbolo que surgiu da composição dos processos pessoais e do processo do grupo. Essa peça tornou-

se objeto de contemplação do grupo, estimulando a reflexão, em conformidade com o sentido que Merleau-Ponty dá a essa palavra:

“[...] refletir é revelar um irrefletido que está à distância, um irrefletido que éramos ingenuamente e que agora não somos mais, sem que possamos duvidar de que a reflexão o atinja, pois é graças a ela que temos noção dele.” (MERLEAU-PONTY, 1984b, p.243).

No grupo de pesquisa, a partir da práxis e das reflexões, o vivido foi sendo descrito, revelando a costura dos Retalhos D’Alma.

A noite e a luz não são evocadas por sua extensão, por seu infinito, mas por sua unidade. A noite não é um espaço. É uma ameaça de eternidade. Noite e luz são instantes imóveis, instantes escuros ou claros, alegres ou tristes, escuros e claros, tristes e alegres” (BACHELARD, 2007, p.106).

O CAMINHO DA PESQUISA-AÇÃO

“Sim, o que é mais real: a própria casa onde se dorme ou a casa para onde se vai, dormindo, fielmente sonhar?” (BACHELARD, 2006b, p. 76, tradução da autora).

Nos primórdios do processo de descosturar o projeto original, com o qual fui aprovada no mestrado, tive um sonho com uma colcha de patchwork. No mesmo dia, vi a imagem onírica na capa de um livro ainda desconhecido para mim: “Pesquisa-ação”, de René Barbier. Surpresa e curiosa, iniciei sua leitura e me emocionei ao ver que estava diante da possibilidade de trilhar, em minha dissertação, o caminho da pesquisa-ação, onde meu mundo privado poderia deixar de ser apenas meu, onde poderia compartilha-lo com o mundo de outras artesãs.

“[...] ainda resta que, se podemos perder nossos pontos de referência sem o sabermos, nunca estamos seguros de tê-los quando acreditamos possuí-los; se podemos, ainda que o ignoremos, retirarnos do mundo da percepção, nada nos prova que nele estivemos alguma vez, nem que o observável o seja inteiramente, nem ainda que seja feito de tecido diferente do sonho.” (MERLEAU-PONTY, 2005, p.18, grifos do autor).



Por meio do tecido do sonho, a capa do livro de René Barbier identificada como uma colcha de patchwork, estabeleci um contato mudo com as coisas do mundo real, antes delas serem faladas e pensadas. Vivenciava o que Gaston Bachelard (2006a) denomina “onirismo desperto”. Mais uma vez eu estava mergulhando no mundo sensível. Parece-me que não realizei a escolha do caminho metodológico, talvez ele me tenha escolhido.

A PESQUISA-AÇÃO DESENVOLVIDA POR RENÉ BARBIER

René Barbier (2004, p.32) diz que “a pesquisa-ação supõe uma conversão epistemológica, isto é, uma mudança de atitude da postura acadêmica do pesquisador em Ciências Humanas.” Visando explicitar essa nova atitude, elaborei o quadro comparativo que segue:

Tabela 01- Quadro comparativo		
	CIÊNCIAS POSITIVAS	PESQUISA-AÇÃO
Posição de valor	Métodos neutros.	Métodos desenvolvem sistemas sociais e liberam o potencial humano.
Temporalidade	Direcionadas para o presente.	Presente-passado-futuro convivem circularmente.
Relação com as unidades de pesquisa	O observador não implicado e os membros do público-alvo são objetos de estudo.	Os membros do público-alvo são sujeitos conscientes que colaboram com o pesquisador.
Tratamento das unidades estudadas	Os casos só tem importância quando representam uma população.	Os casos podem representar base suficiente como fonte de informação.
Linguagem empregada	Linguagem denotativa e descritiva	Linguagem mais conotativa e metafórica
Realidade das unidades	Existem independentemente dos seres humanos.	Os seres humanos mudam e não cessam de introduzir artefatos na observação.
Intenções epistemológicas	Predizem os acontecimentos a partir de julgamentos, numa ordem hierárquica.	Desenvolve múltiplas maneiras de ver e preparar a ação, a fim de obter os resultados almejados.
Aumento dos conhecimentos	Operam segundo uma estratégia de indução e de dedução.	Leva em consideração as conjecturas e não tem receio de criar situações, objetivando mudanças.
Crítérios de confirmação	Apóiam-se numa consistência lógica, a conjectura e o controle.	Embasa-se essencialmente na avaliação dos efeitos da ação.



Base de generalização	Tem uma ampla base, com valor universal e fora do contexto.	Os resultados estão estreitamente ligados à situação, ao contexto.
------------------------------	---	--

A Pesquisa-ação se inscreve no paradigma da complexidade, que substitui o da simplicidade. Sobre este último, René Barbier o descreve como aquele que “põe ordem no universo e dele elimina a desordem. A ordem se reduz a uma lei, a um princípio. A simplicidade enxerga ora o uno, ora o múltiplo, mas não pode enxergar que o Uno pode ser, ao mesmo tempo, Múltiplo.” (BARBIER, 2004, p.87).

Como atitude epistemológica para a pesquisa em Ciências Humanas, René Barbier propõe a prática da “escuta sensível” do vivido, uma arte do encontro, com dimensão clínica, filosófica e poética.

Na pesquisa-ação o pesquisador, enquanto parte do grupo, compartilha suas implicações, perguntas e sentimentos. A esse respeito, Barbier acrescenta: “A atitude requerida para a escuta sensível é a de uma abertura holística. Trata-se realmente de entrar numa relação de totalidade com o outro tomado em sua existência dinâmica.” (BARBIER, 2004, p. 98).

TÉCNICAS UTILIZADAS

A Pesquisa-ação utiliza diferentes técnicas que objetivam contribuir para a compreensão da questão abordada. Dentre elas, utilizei as seguintes:

- **A observação participante predominantemente existencial (OPE)**

Vivenciei a observação participante completa, já que estive implicada, desde o início do processo, como uma das mulheres artesãs que fizeram parte do grupo. Desde o princípio deixei claro que estaria observando todo o processo e participaria das aulas de patchwork como as demais componentes do grupo.

- **A técnica do diário de Itinerância**

Essa técnica, trazida da Etnologia, esteve presente durante toda a pesquisa. Em um primeiro momento, o diário de itinerância foi pessoal e sigiloso, peça central na construção do relatório parcial e final, quando foi transformado em instrumento de partilha. Tal diário compõe-se de três fases: diário- rascunho, diário elaborado e diário comentado com todo o grupo de pesquisa.

PROCEDIMENTO DA PESQUISA-AÇÃO PREDOMINANTEMENTE EXISTENCIAL



○ **Objeto Abordado**

Encontro-me implicada com a prática do patchwork e resolvo pesquisar esse universo.

○ **Delimitação do grupo alvo**

Fui convidada pela professora Téa* para realizar a pesquisa no grupo onde ela ensinava patchwork voluntariamente, o Projeto “Mulher Virtuosa”, localizado no Guará, cidade satélite de Brasília. Suas alunas acolheram a mim e a proposta da pesquisa-ação com receptividade.

○ **Negociação da intervenção da pesquisadora**

Acertamos que teríamos de oito a dez encontros, no segundo semestre de 2006, com periodicidade semanal e duração de 3 horas cada. Ultrapassamos esse número, pois tivemos doze encontros. No total foram dezesseis participantes no grupo, mulheres artesãs, incluindo a professora e a pesquisadora.

○ **Combinados**

No primeiro encontro com todas as mulheres interessadas em participar, compartilhei sobre a pesquisa e esclareci as dúvidas. Após a definição do grupo, houve a costura dos “Combinados”. O início formal da Pesquisa-ação ocorreu a partir dos “Combinados”. Esse trabalho foi inspirado na “Contratualização”, assim definida por Barbier:

“A contratualização escrita vai, com efeito, servir de plataforma ao grupo de ação. O contrato precisa as funções de cada um, o sistema de reciprocidades, as finalidades da ação, os encargos financeiros, a temporalidade, as fronteiras físicas e simbólicas, as zonas de transgressão e o código de ética da pesquisa.” (BARBIER, 2004, p.120).

○ **Objeto co-construído**

A elaboração do objeto co-construído ocorreu em duas fases: (a) confirmação da hipótese de que a prática do artesanato com retalhos (patchwork) repercute na leitura que a mulher artesã realiza de sua relação consigo mesma e com o mundo; (b) referência a um corpus teórico existente, desenvolvido e re-inventado.

○ **Objeto efetuado - Passos**

1. Escrita do relatório parcial com base na escuta sensível e transcrições das gravações efetuadas em cada encontro.



2. Validação do relatório pelas participantes - em todos os encontros houve um momento para a escuta do material transcrito referente ao encontro anterior, objetivando incluir acréscimos ou alterações propostas pelas demais artesãs.

3. Escrita do relatório final, a partir da apropriação dos relatórios compartilhados com o grupo.

A APROPRIAÇÃO DO RELATÓRIO DA PESQUISA-AÇÃO - A ARTE DA ALEGRIA

As mulheres que participaram da pesquisa-ação trazem, em seus corpos, histórias de dor, de absurdos e, algumas delas, de privações materiais. Em meio a tudo isso vivenciaram a força transgressora da alegria, a arte de se alegrar em um contexto que não elimina a sorte adversa, o revés da vida, “pois a alegria, tal como a feminilidade, permanece indiferente a qualquer objeção” (ROSSET, 2000, p. 8).

A alegria esteve sempre presente nos encontros da pesquisa-ação, explodindo em gargalhadas e risos. Provavelmente foi o fio da força inerente à alegria que promoveu as costuras entre os retalhos claros e escuros, tanto no mundo de cada artesã, como no grupo.

De acordo com Rosset (2000), a alegria é a força maior da existência do ser humano e pode não se esgotar no feliz motivo que a provocou, pode ir além do mesmo. As artesãs da pesquisa-ação acolheram em seus corpos a vivência da ilógica e irracional alegria.

No grupo de pesquisa, a primeira a terminar a colcha foi Ana³. Quando isso ocorreu, ela a pegou e convidou várias de nós para a ajudarmos a abri-la completamente e disse:

“— Quando olho prá minha colcha, sinto uma felicidade de dentro, uma felicidade imensa!”

Ana falou isso rindo muito, contagiando todo o grupo. A transcrição de momentos como esse deixava claro que não havia quase nenhuma fala gravada, eram só risadas, muitas e generosas.

Quando a artesã finaliza sua colcha, compreende que os fragmentos, os blocos separados de patchwork, transformam-se em uma totalidade. O objeto da alegria, nesse momento, é a transformação dos fragmentos em totalidades.

³ Nome fictício, como todos os demais que serão utilizados no presente trabalho.



Era visível em Ana e nas demais artesãs que a alegria estava presente em todo o corpo, enrubescendo a cor da pele e apresentando movimentos corporais espontâneos. A alegria possibilita um relaxamento corporal que desfaz as tensões físicas.

Esse prazer, essa felicidade, essa alegria, também estiveram presentes em momentos que antes eram considerados duros, difíceis. Mel, rindo muito, compartilhou com o grupo o quão criativas passaram a ser suas noites de insônia:

“— Estou me sentindo uma artista, estou chiquérrima!”

Após iniciar o aprendizado do patchwork, Mel deixou de passar as madrugadas rolando de um lado para outro da cama, tentando adormecer em meio à briga com a insônia. Passou a preencher esse tempo com a costura. Como esse era um interesse vivamente prazeroso, seu sono, mesmo quando de pouca duração, passou a ter mais qualidade.

Outra presença indispensável na prática desse artesanato é o “com-tato” com as cores. A artesã percebe que as cores estabelecem entre si uma relação viva, e se deixa influenciar por esse contato. Realiza, nessa convivência, a “escuta sensível”. Cézanne dizia que “o retorno à cor tem o mérito de conduzir a um pouco mais perto do ‘coração das coisas’.” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 104). O contato com esse mundo vivo e generosamente colorido pode “trans-formar”, modificar o colorido interno da artesã, como explicitado na fala de Ema:

“— No patchwork, quando você está juntando os pedaços, você vai se situando na vida, você vai aprendendo. Trabalhando com as cores diferentes, você chega num objetivo. O vermelho é vida, é alegria.”

A alegria que Ema reconheceu na cor vermelha coloriu sua própria vida. O relacionamento com as cores é também o relacionamento com o todo.

Lu, falando sobre o término de sua primeira colcha:

“— Estou muito feliz, muito alegre. Eu pensei que ia desistir antes da hora. Já que não desisti, vou fazer outra. Nunca tinha tido experiência de costura. Aliás, isso aqui nunca havia sido minha praia. Essa praia é muito boa!”

A costura era uma novidade na vida de Lu, uma ferramenta que possibilitava a concretização de peças belas a partir da junção dos diferentes retalhos - uma atividade prazerosa. Possivelmente a persistência experimentada por Lu nesse aprendizado foi facilitada pela alegria.



No grupo, muitas vezes vivemos o que BACHELARD (2006a) chama de “psicologia do maravilhamento”. Experimentamos ser uma mulher que embeleza as coisas da vida, afirmando a complexa existência. Bel, compartilhando sobre o término de sua primeira colcha, comentava:

“— Só vi a beleza da colcha. Meu esposo disse que ela está linda.”

Dri, 76 anos, disse que nós precisávamos ver a alegria de Téa, a professora voluntária do grupo, quando começou a dar aulas.

O riso e a alegria contagiavam, reavivavam a cumplicidade no grupo de artesãs. Bergson (1993) reconhece isso ao dizer que “o riso tem necessidade dum eco” (p. 19) e “nosso riso é sempre o riso dum grupo” (p. 20). No grupo de mulheres artesãs, todas foram contaminadas pelos risos umas das outras, um comportamento ressonante que ampliava a alegria do grupo.

Weil (2004, p. 120) assegura que “existe um inconsciente lúdico, ou pelo menos uma pulsão lúdica, em cada ser humano”. Como pesquisadora, corroboro essa afirmação.

A alegria, uma ilógica rendição à vida, paira sobre o trágico e o jubiloso, facilitando a convivência de todos os retalhos d’alma. No momento em que Téa esteve cara-a-cara com a impermanência, durante o enterro de sua sobrinha, a alegria manifestou-se conforme registro da pesquisa-ação a seguir:

Téa relata que sua sobrinha faleceu e ela cuidou do funeral, das flores, de um patchwork com um anjo, um coração aplicado e um monte de fitas. A sobrinha amava as fitas e Téa estava feliz de poder cuidar de tudo isso. Durante o funeral, algumas pessoas pediram o cartão da “decoradora do funeral”. Fez o relato rindo muito e contagiou o grupo com sua alegria.

O tecido da vida é complexus e a alegria é um regozijo incondicional da existência. No grupo, todos os matizes que coloriram as vivências da alegria foram caracterizados pela sensação de bem-estar.

A ARTE-SÃ

O artesanato é considerado a arte da mulher artesã, arte-sã, uma atividade manual que cria novos tecidos. Para Langer (1980, p.42), “arte é a criação de formas simbólicas do sentimento humano” e para Cézanne (citado por MERLEAU-PONTY, 1984d, p.119) a arte “é uma operação de expressão”. Isso pode ser constatado na exclamação de Ju:



“— Você sabe, artesã inventa mesmo.”

A arte e o mundo percebido despertaram em Merleau-Ponty muitas reflexões e um mergulho mais profundo na obra de Cézanne, para quem “a arte é uma apercepção pessoal. Coloco esta apercepção na sensação e peço à inteligência organizá-la em obra” (1984d, p.116). Cézanne não separava a inteligência dos sentidos, já que o artista que vê, pensa, intui e cria é o mesmo. Nas costuras do patchwork fica claro esse entrelaçamento.

No patchwork, sensação-pensamento e o caos-ordem são costurados juntos. A busca da organização está presente, conforme expresso na fala de Téa:

“— Patchwork não combina com desorganização. Preciso ter lugar para colocar os tecidos de diferentes tons. Coloco nos saquinhos. É um transtorno ficar procurando algo e não achar!”.

Na verdade, a desordem e o caos escapam ao controle da artesã e – graças - pois é isso que garantirá uma arte-sã. Esse escape é visível na mesa de trabalho e no seu entorno, onde reina o espalhamento de tecidos variados, linhas de muitas cores, alfinetes, tesouras, cortador, régua, ferro de passar roupa e muitos outros objetos imprescindíveis.

Edgar Morin aprofunda essa compreensão ao dizer que há uma espécie de luta entre um princípio de ordem e um princípio de desordem, mas também uma espécie de cooperação entre ambos, cooperação da qual nasce uma idéia ausente na física clássica, que é a de organização. Vemos, portanto, que a desordem não roubou o lugar da ordem. O que devemos considerar é o jogo entre a ordem, a desordem e a organização. Chamo este jogo de dialógica, pois essas noções que se repelem entre elas, que são antagônicas, que são mesmo contraditórias, são necessariamente complementares [...] (2002, p. 561 e 562, grifos do autor).

Na pesquisa-ação esse entendimento ficou registrado na fala da professora Téa sobre a organização interna que o patchwork promove:

— O patchwork organiza a vida da gente por fora, mas tem uma coisa que faz por dentro: organiza os sentimentos da gente.

O relato da professora explicita que **foradentro** é um único tecido, pois a organização que a artesã experimenta ao arrumar seu material de trabalho também se dá em relação a seus sentimentos, a seu mundo íntimo e privado. Téa reconheceu o quão curativa pode ser essa prática para as mulheres:



“— Deus providenciou todas essas coisas para nós mulheres não entrarmos em parafuso. Deve ser por isso que os homens morrem mais que as mulheres, e mais cedo..”

O grupo riu muito dessa fala e todas concordamos. Na prática do patchwork, a artesã cultiva a plena atenção em quase todos os momentos, desde o corte milimétrico dos tecidos até o alinhavo da colcha com o acrílico e o forro. Essa prática espontânea da presença no aqui/agora proporciona um descanso mental à artesã. Todas nós sentimos na carne que isso repercute na nossa saúde física, emocional e mental e, quem sabe, nos ajudará não só a viver mais, como também a ter mais vida em nossos anos.

O COM-PARTILHAR EMPÁTICO, O COM-FIAR

No grupo, o compartilhar empático foi facilitado pela escuta sensível e pelo exercício de fiar-com, confiar. Iniciei a Pesquisa-ação com a seguinte pergunta:

“— Será que outras artesãs estão vivenciando transformações a partir da experiência com o patchwork?”

Durante os encontros, a alegria das outras artesãs ao finalizarem suas primeiras colchas era ressonante com a minha. Como Mel, também acordei de madrugada para costurar. Pensava:

“— Então não sou só eu que sinto assim.”

Quando Ema falou que passara a dormir melhor, também pensei:

“— Então não sou só eu!”

Observei e vivenciei, no grupo de pesquisa, a capacidade de compartilharmos sobre nossas vidas privadas, nossos desafios pessoais e nossos sentimentos enquanto costurávamos. Vi que, assim como o riso tem eco, nossas experiências pessoais também o têm. Percebemos que nossas vidas estão costuradas umas às outras, como os diferentes retalhos das colchas.

Esse misterioso entrelaçamento de vidas faz parte da “psicologia do maravilhamento” (BACHELARD, 2006a). “A comunicação transforma-nos em testemunhas de um mundo único, como a sinergia de nossos olhos os detém numa única coisa” (MERLEAU-PONTY, 2005, p.23).

A solidariedade esteve sempre presente. Eva ajudou Mel comprando os tecidos para também pudesse participar do curso de patchwork. Mel ficou muito feliz. O restante do material de Mel foi comprado por Ema, em várias parcelas.



Téa arriscou estabelecer uma nova equação ao afirmar:

“— No meu coração, **patchwork = gente**, porque a gente convive. Juntamos os retalhos da convivência e tem relacionamento que conserta. Mudei minha opinião sobre várias pessoas.”

Patchwork = Gente. Concordo que, no nosso grupo, essa equação espelhava fielmente o ininterrupto aprendizado da com-vivência, a experiência da “escuta sensível”, o acolhimento das diferenças, o compartilhar empático, o com-fiar.

DO BASTÃO FALADOR AO CORAÇÃO INTELIGENTE

No primeiro encontro da pesquisa-ação, foi criado um espaço para que cada artesã pudesse fazer um breve relato de sua história de vida. O objetivo era descontrair e promover a aproximação das participantes do grupo, possibilitando um maior conhecimento interpessoal. De início, eu havia pensado em confeccionar um bastão de patchwork, para que fosse utilizado pela artesã que fizesse o uso da palavra. No entanto, tomei consciência que estava copiando a forma que muitos terapeutas/educadores utilizam em seus grupos. Por que um bastão? Que sentido isso fazia para mim? Assim, encontrei outro símbolo. Confeccionei um coração e, a seguir, trago minha fala no grupo:

“Proponho que possamos fazer desse coração, um coração de todas nós. Ele poderá conter algo feito por cada uma de nós. Eu já deixei minha marca, através de uma pequena aplicação. À medida que cada uma desejar, poderá fazer sua intervenção. Quero propor que, se você sentir necessidade de levá-lo para sua casa, possa fazê-lo, com o compromisso de trazê-lo no encontro seguinte. Quando sentir que chegou a sua hora de se fazer presente nesse coração, faça o que quiser. Em nossos encontros, enquanto estivermos falando, poderemos segurar esse coração. Vamos segurar um coração de patchwork, um coração que fala, que se expressa, que compartilha sentimentos, um coração inteligente. A proposta é que, quando uma de nós estiver segurando o coração inteligente, todas as outras estarão ouvindo cuidadosamente”.

Com a confecção do coração de patchwork eu estava propondo uma costura entre o pensamento e o sentimento da mulher artesã, estava assumindo que nosso coração pode manifestar sua inteligência.

O coração inteligente não é dado ao “pensamento de sobrevôo” (MERLEAU-PONTY, 2005), isso é, um pensamento que tem como característica o controle absoluto sobre si mesmo e a busca de resultados lógicos. O coração inteligente da



artesã simplesmente se deixa mergulhar no mundo dos retalhos de tecidos e vidas, onde a artesão costura e ao mesmo tempo é costurada por esse mundo.

A FALA DOS RETALHOS

A artesã experimenta o acolhimento do “eu-mundo” quando escuta sensivelmente a fala dos retalhos, vivendo a unidualidade “sujeitobjeto”. Observei que todas as mulheres, quando terminavam os blocos de sua colcha, espalhavam os mesmos no chão, buscando compô-los no todo que seria a colcha. A partir daí, era iniciado um tempo regido pela lentidão e dedicado ao olhar. Olhavam, mudavam os blocos de lugar, voltavam a olhar, refletiam olhando, voltavam a mudar os blocos de lugar, olhavam e olhavam. Era um exercício contemplativo. Percebi que quando olhávamos sem pressa, os blocos começavam a se comunicar numa linguagem silenciosa. Eles próprios solicitavam a mudança de lugar, criando uma nova harmonia.

No patchwork, além da visão da cor e de tudo que ela evoca, há um contato tátil e visual com as diferentes texturas e composições, facilitando essa misteriosa parceria entre a artesã e o seu relacionamento com diferentes tecidos. Cada tecido fala a meu corpo e é a partir desse corpo que me relaciono com eles. Merleau-Ponty, a esse respeito, acrescenta:

“ Há um círculo do palpado e do palpante, o palpado apreende o palpante; há um círculo do visível e do vidente, o vidente não existe sem existência visível [...]” (2005, p.139).

Na prática do patchwork, o corpo olha e esse olhar facilita meu relacionamento com os tecidos. Para Merleau-Ponty “[...] olhar o objeto é entranhar-se nele” (1999, p.104). Ao olhar os tecidos eu me misturo, me com-fundo com eles. Voltando a parafrasear Merleau-Ponty, posso dizer

“o olho vê o mundo e o que falta ao mundo para ser patchwork, e o que falta ao patchwork para ser ele mesmo, e, com os tecidos e as agulhas, a cor que o patchwork aguarda”. (1984a, p.90)

Em um dos encontros da pesquisa-ação, Lu pediu para ver uma das colchas e logo foi pegando, tateando, buscando informações através das mãos. Após algum tempo exclamou:

“– Para ver, é preciso pegar!”



É isso o que acontece. **A peça que nos tocou é tocada por nós**, e esse toque é muito aconchegante. A fala de Lu demonstra que as mãos vêm e se relacionam com os retalhos, reforçando o que Merleau-Ponty denominou “círculo do palpado e do palpante”. A artesã de patchwork vê, escuta e apalpa a apresentação vívida dos retalhos. Sabe, em seu corpo, que os retalhos têm tanta personalidade quanto ela própria. Cultiva a abertura de deixar que tais retalhos se aproximem, revelando sua beleza, seu mundo privado oculto. Busca com-viver com esse mundo outro, estabelecer uma parceria que poderá materializar criações.

Na obra de Cézanne não há a asséptica separação sujeito x objeto. A esse respeito Merleau-Ponty nos diz que “as coisas não são, portanto, simples objetos neutros que contemplaríamos diante de nós. Cada uma delas simboliza e evoca para nós uma certa conduta, provoca de nossa parte reações favoráveis ou desfavoráveis” (2004, p.23). Do ponto de vista do patchwork, existe uma relação viva entre a artesã e os retalhos, através de todos os sentidos, numa via circular, onde tudo é mundo.

A ESCOLHA DOS TECIDOS

“ O real é um tecido sólido” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 06)

Os tecidos que utilizamos são 100% algodão, naturais, sem fibras sintéticas, duráveis, possibilitando boa fixação das cores e um melhor contato com o corpo. A empresa brasileira que fabrica esses tecidos e desenvolve uma linha voltada para o patchwork encontra-se em São Paulo. Fomos até lá com o objetivo de comprar diretamente do fabricante, pois isso reduziria custos.

A RUA 25 DE MARÇO COMO UM PATCHWORK VIVO

A loja de tecidos que buscávamos encontra-se na rua mais movimentada do Brasil, a 25 de março, em São Paulo. Com Anne, aprendiz de patchwork e pintora, amiga com quem viajei, realizamos a primeira parada no Mosteiro de São Bento, próximo ao nosso destino. Paramos para contemplar os enormes vitrais coloridos, uma verdadeira aula silenciosa sobre as cores. Não poderíamos ter sensibilização mais tocante.

O retalho da contemplação já tinha sido costurado em nossas almas. Entramos na Rua 25 março e nos misturamos aos incontáveis vendedores e compradores do Brasil inteiro, que se entrecrocavam a cada passo em meio à



multidão, assediada por todas as vozes, gritos, músicas e apitos variados dos vendedores ambulantes e clandestinos que exercitam a criatividade instantânea para sobreviver. Com esse olhar, pude costurar, junto com a contemplação, os retalhos da ação, pressa, criatividade, inquietação, rapidez e sobrevivência. Fui tocada pelas “coisas” dessa rua tão única.

Merleau-Ponty assim reflete a esse respeito:

“Nossa relação com as coisas não é uma relação distante, cada uma fala ao nosso corpo e à nossa vida, elas estão revestidas de características humanas (dóceis, doces, hostis, resistentes) e, inversamente, vivem em nós como tantos emblemas das condutas que amamos ou detestamos. O homem está investido nas coisas, e as coisas estão investidas nele” (MERLEAU-PONTY, 2004, p.24).

Após muito andar, encontramos a loja e fomos transportadas da multidão alvoroçada de pessoas para a multidão de tecidos. A sensação era de que todos os tecidos do mundo estavam ali, um mar de diferentes cores e texturas.

Na entrada da loja, em meio a tudo, numa sala de vidro, uma senhora japonesa estava sentada diante do computador, criando os tecidos. Era fascinante observá-la colorindo as linhas e formas que nasciam de suas mãos, com uma intimidade visível. Merleau-Ponty pontua que “há um logos das linhas, das luzes, das cores, dos relevos, das massas, uma apresentação sem conceito do Ser universal” (1984, p.105). Aquela japonesa, como Paul Klee, também deixava as linhas sonharem (MERLEAU-PONTY, 1984a, p.105).

Anne, falando sobre o dia da escolha dos tecidos, disse que se sentira como se estivesse pintando com os tecidos, como se os tecidos fizessem parte de sua palheta de cores. Viu que era mais difícil do que escolher as cores para fazer um quadro, porque cada cor ali tinha uma textura. Compartilhou que essa era uma maneira muito boa de se desligar de tudo e entrar em outro mundo, o mundo do artista, onde só existe a força criativa, sendo possível abstrair de todo o resto. Disse que o artista realiza sua terapia com a arte.



MUDANÇA

Barbier (2004) revela o espanto que experimentou ao evidenciar que o termo “mudança” não estava presente nas obras de psicologia: “Em vez do termo ‘mudança’, encontrar-se-á: evolução, desenvolvimento, maturação, modificação do comportamento de aquisição, de aprendizagem [...]” (p.46). A pesquisa-ação visa sempre a uma mudança, por considerar que os seres humanos são “sistemas em permanente transformação” (p.48), que podem encontrar novos sentidos para suas vidas. Na presente pesquisa-ação, a primeira vez que esse termo emergiu foi quando várias artesãs começaram a falar sobre a mudança de Bia. Esse foi um momento muito rico. Liz iniciou dizendo:

“— Percebo **uma visível mudança na Bia**. No início dos encontros, nós tínhamos dificuldade para ouvir sua voz e você tinha uma postura com ombros arqueados e um olhar mais para baixo. Hoje parece mais forte, ouvimos sua voz normalmente, sua postura física mudou e você sorri mais”.

Ema também comentou sobre Bia e sobre as repercussões da prática de patchwork no grupo:

“— Como Bia **mudou!** Antes ela era triste, quietinha, cabisbaixa e agora não. Agora ela dá a opinião dela. Isso é bárbaro”. Eu pensei: “Pôxa vida, **eu nunca pensei que esse curso melhorasse nossa vida, nosso convívio, mudasse nossa maneira de ser. A gente se torna mais aberta e isso é muito bom!**”

Possivelmente a prática do patchwork representava, na vida de Bia, um sentido novo que promovia mudanças em seu corpo e em seu jeito de ser.

No início dos encontros Mel utilizava, com frequência, expressões como “não vou conseguir” e “não tenho cabeça pra isso”. Um dia nos revelou que uma parente próxima sempre dizia que ela é burra e que precisava “fazer uns tratamentos”.

“— Por causa daquela palavra dela fiquei deprimida muitos anos. De vez em quando eu choro.”

Mel também compartilhou que **muito tem mudado em sua vida, pois já não se acha uma mulher burra**. Aprendeu a se valorizar e a ter mais confiança em si mesma. Ana disse que Mel não é mais coitadinha:

“— Agora ela passou a dizer: ‘hoje eu posso, hoje eu sou!’”

Uma outra artesã relatou uma mudança relacionada a forma como estava se vendo:



“— Eu me achava inferior à todos e hoje não. **O artesanato mudou minha vida. O patchwork é uma delícia!**”

A seguir o depoimento de João sobre sua esposa, Ana, quando foi buscá-la após a aula:

“— Ela sempre foi uma boa pessoa. Eu acredito que só faltava a Ana essa oportunidade dela mostrar que sabe criar, que sabe fazer mais e muito mais, que sabe produzir. Também acho que foi muito bom ela sair do total ambiente de casa, onde ficava só preocupada comigo, com os filhos e netos. **Hoje ela está mais aberta, com a visão mais ampla. Ela melhorou muito como ser humano, como pessoa**”.

Muito tem mudado na vida de Ana. No final dos encontros, ela já estava trabalhando como artesã de patchwork. Após receber sua carteira de artesã, compartilhou que foi ao cartório resolver umas coisas e quando o funcionário lhe perguntou sua profissão, ela apresentou a carteira de artesã. Hoje diz que não é “apenas do lar” e isso lhe deixa muito feliz. A prática do patchwork possibilitou a Ana ter uma profissão da qual ela se orgulha. Ela está confiante em sua capacidade de fazer um artesanato cada vez mais bonito e de ser remunerada por esse ofício.

Para Lu, a mudança da Eva fora a mais visível:

Ela iniciou a prática do patchwork sem esperança, sem horizonte, sem fé. Estava vivendo a separação de um marido prosmícuo. Queria se matar e matar seus filhos. Hoje está independente, se sustenta com o patchwork, está bonita e alegre. Renovou sua fé.

Eva renovou sua fé em si mesma e na vida. Como Ana e Gal, sentia-se mais segura e já conseguia ser remunerada por esse prazeroso trabalho. Tudo isso repercutiu positivamente em sua aparência física.

Isa disse que, antes do patchwork, tudo para ela era uma tempestade. Relatou estar menos ansiosa e feliz por estar participando de feiras de patchwork. Ada confessou que achava que estava no fim da vida, pela sua idade, pela menopausa. Agora se ofereceu para ser a secretária do projeto.

Bel disse que, na sua igreja, todos exigiam perfeição dela e de sua família. Decidiu que não iria mais cobrar perfeição de seus filhos. Estava parando de se pressionar para fazer aquilo que os outros esperavam dela. Estava ouvindo seu coração inteligente e isso, no contexto no qual estava inserida, representava uma significativa mudança.

Téa relatou que estava deixando de ser superprotetora com seus filhos adolescentes:

“— Minha maior descoberta é que o mundo vive sem mim e vive feliz. Se eu não tivesse o patchwork estaria louca. Agora sou eu de novo e minha família é mais feliz.”

A professora Téa vivenciou o gosto da libertação não só em seus relacionamentos familiares, mas também no grupo de patchwork pois, quando não podia dar aulas, as alunas da pesquisa se transformavam em professoras. Isso repercutiu positivamente na autoestima de todas.

“Toda alma é uma melodia que convém renovar” (MALLARMÉ citado por BACHELARD, 2007, p. 61). No grupo de pesquisa-ação ouvimos/vimos/tocamos a renovação de muitas almas femininas, experimentamos mudanças de todos os matizes, dando um misterioso ponto a mais na trama da existência, vivenciando o SER-tão Criativo.

A COLCHA PRONTA

A feitura da colcha coletiva representou um momento rico e desafiador. Antes, cada artesã estava dedicada a fazer sua própria colcha a partir dos tecidos que escolhia sozinha ou com a ajuda de quem solicitava. A colcha coletiva solicitou movimentos novos. Precisaríamos buscar alguns consensos e esse processo nunca é simples. O primeiro passo foi a tomada de decisão sobre as cores da nossa colcha. Observamos que a colcha coletiva foi a mais colorida de todas as que já haviam sido confeccionadas no grupo. O que se passou? Talvez juntas tenhamos tido mais ousadia. A expressão nos rostos, quando a colcha foi colocada para contemplação, era provavelmente o que Fernando Pessoa (1981) denominou “pasma essencial”.

Esse pasmo alegre também teve a ver com o fato de que cada artesã confeccionara solitariamente seu bloco de patchwork e eles, ao serem costurados uns nos outros, nos proporcionaram a visão que “o todo é maior que a soma das partes” (MORIN, 2002, p. 562). Ver esse acontecimento foi encantador. “O conhecimento do todo precisa do conhecimento das partes, que precisam do conhecimento do todo” (PASCAL citado por MORIN, 2002, p.563)

Na colcha do grupo resolvemos fazer algo novo, bordar uma palavra no bloco que confeccionamos. Acordamos que a palavra poderia revelar o que o patchwork

simboliza na vida de cada uma. Esse momento lembrou aquele em que a artesã termina todos os blocos de sua colcha e vai contemplá-los, todos no chão, buscando compor harmonicamente o todo da colcha. É como um jogo de paciência; e o mesmo ocorreu com as palavras, já que muitas passaram pela mente de todas. Algumas se deixaram escolher pela palavra e, no final, as palavras bordadas na colcha foram:

Alegria, Amor, Presente de Deus, Reunificação, Paixão, Saúde, Equilíbrio Mental e Espiritual, Amizade, Paz, Organização (2 vezes), Tranquilidade, Emendando retalhos e restaurando a vida; Carinho; Arte é Paz, é Vida.

“Ah, esta vida às não-vezes, é terrível bonita, horrorosamente, esta vida é grande”
(JOÃO GUIMARÃES ROSA, 1986, p.394)



Figura: Pesquisa-ação – A colcha do grupo



ARREMATANDO A COLCHA DE IDÉIAS

Constato o quão rica, sensível, transgressora, estética e criativa foi essa experiência. O encontro com o patchwork trouxe para a vida de todas nós, artesãs da pesquisa-ação, o mundo novo da costura, das texturas, das composições e da criação, vivenciado num tempo de quimera, regido pela lentidão.

O encontro com a pesquisa-ação de René Barbier também foi emocionante, trouxe a trilha que iríamos percorrer nessa aventura. Foi um contemplativo "caminho de Santiago" em que peregrinei na companhia das outras quinze mulheres, acolhendo nossa complexidade, generosidade, alegria e criatividade.

A re-união da trindade, o patchwork, a fenomenologia e a pesquisa-ação, foram, talvez, as maiores transgressões que vivi. Acreditei ser possível trazer um novo sentido a partir desse conjunto, inspirada pela minha experiência com o fazer manual, e pela vivência das demais artesãs do grupo de pesquisa, no qual estive inteiramente implicada. Edgar Morin (2005, p. 137) afirma que "hoje, a questão do retorno do sujeito é fundamental e está na ordem do dia".

Quando ocorreu a apropriação do relatório da pesquisa, tomei consciência da riqueza que havia sido essa experiência compartilhada, onde entendo que a alegria tenha sido realmente a "força maior" (Rosset, 2000) a facilitar a complexa costura dos retalhos claro-escuro da alma de cada uma de nós artesãs. Ocorreram várias mudanças pessoais, bem como a ampliação da consciência de todas nós artesãs em relação ao nosso próprio processo e ao processo do outro.

Caso eu houvesse realizado a pesquisa-ação com outro grupo, com certeza teriam ocorrido processos diferentes, assim como teria sido distinto se a pesquisadora fosse outra, já que seria um outro olhar, a vista de um outro ponto. É por esse motivo que Barbier (2002) ressalta que, na pesquisa-ação, a teorização é sempre local e não pode ser generalizada. Acolho o relatório da pesquisa-ação como a fábula do encontro de dezesseis mulheres artesãs.

O mundo se torna fábula, o mundo tal e qual não é senão fábula: fábula significa alguma coisa que se conta e que existe apenas dentro da narrativa, o mundo é alguma coisa que se conta, um acontecimento contado e portanto uma interpretação: a religião, a arte, a ciência, a história, tantas interpretações diversas do mundo, ou melhor, tantas variantes da fábula (NIETZSCHE citado por ROSSET, 2000, p. 61 e 62).



Na minha vida, o mestrado foi um "brinquedo de profundidade" (BACHELARD, 2006b, p.20, tradução da autora). De uma forma lúdica, aprendi muito, suave e profundamente, como convém à respiração de quem está presente na vida. Nesse brincar, o artesanato facilitou a vivência de um tempo circular, onde passado-presente-futuro, assim como as noções de forma e cor formaram um tecido único. Constatado que esse caminhar foi inspirado na abordagem transdisciplinar holística.

Ao longo desse caminho, compreendi o artesanato com retalhos, patchwork, como uma metáfora da existência humana. A vida é um patchwork. Somos uma misteriosa e vasta colcha de retalhos dos mais variados tons e texturas. Quando finalizamos um artesanato de retalhos, acolhemos o silêncio em nosso ser, enquanto o contemplamos e agradecemos à vida por termos tido tempo, paz-ciência e criatividade para dar vida ao mesmo. Agradecemos também ao nosso artesanato, um ser vivo com quem compartilhamos a existência mutante.

Assim, quero agradecer a essas palavras tão vivas, com quem pude brincar profundamente, vivenciando todas as denominações de Psicologia trazidas por Bachelard (2006a):

Psicologia do Maravilhamento

Psicologia das Profundezas

Psicologia Quimérica

Psicologia Criante

Psicologia do Ser Presente

Psicologia do Devaneio

Agradeço a vida pelo mergulho em todas essas Psicologias, com a abertura amorosa das mulheres artesãs da pesquisa-ação. Agradeço pela possibilidade de contar essa fábula.

Referências Bibliográficas:

ALBERTI, V. **O riso e o risível na história do pensamento**. Rio de Janeiro: Zahar/FGV, 1999.

BACHELARD, G. **A Poética do Devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

_____. **La tierra y las ensoñaciones del reposo**. México- D.F: Fondo de CulturaEconômica, 2006b.

_____. **A Intuição do Instante**. Campinas-SP: Verus, 2007.

- BARBIER, R. **A Pesquisa-Ação**. Brasília: Líber Livro, 2004.
- BERGSON, H. **O Riso. Ensaio sobre o significado do Cômico**. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.
- JUNG, C. G. **AION: Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- _____. **O Homem e seus símbolos**. 6 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- LANGER, S.K. **Sentimento e Forma**. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- MERLEAU-PONTY, M. **O olho e o espírito**. In: **Merleau-Ponty, Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1984a.
- _____. **O filósofo e sua sombra**. In: **Merleau-Ponty, Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1984b.
- _____. **A linguagem indireta e as vozes do silêncio**. In: **Merleau-Ponty, Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1984c.
- _____. **A dúvida de Cézanne**. In: **Merleau-Ponty, Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1984d.
- _____. **O metafísico no homem**. In: **Merleau-Ponty, Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1984e.
- _____. **O Visível e o Invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- MORIN, E. **A religação dos saberes. O desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- _____. **Ciência com consciência**. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- NIETZSCHE, F. **Aurora**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- PESSOA, F. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1981.
- ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986
- ROSSET, C. **Alegria: A Força Maior**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- WAHL, J. **As Filosofias da Existência**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1962.
- WEIL, P. **A grande gargalhada**. Brasília: Letra ativa, 2004.
- WEIL, P.; LELOUP, J-Y.; CREMA, R. **Normose: a patologia da normalidade**. Campinas: Verus, 2003.